

Escrever.... A força de (re)criar o vivido

Ao professor Mário Osório Marques (*In Memoriam*),

Num mundo conectado em rede, o desafio de escrever uma carta, me convidou a (re)pensar o *ato de escrever*, principalmente para quem se aventura a desbravar o dito *mundo acadêmico, mundo da pesquisa*. Escrever, ferramenta esta que pode ser premissa de prazer e deleite, mas pode mexer com os *demônios* que habitam, nos mais secretos recantos do nosso ser. Assim, lembrei do professor Mário e do seu “Escrever é preciso...”¹, em como seria trocar impressões a cerca deste ato que transita entre o sagrado e o profano, dependendo de quem dele se apropria ou se autoriza a fazê-lo.

Dessa forma, um texto, ou o *ato de escrever*, é uma tessitura de significados constituídos no entrelaçamento físico de vestígios, é a fixação, em um suporte material, da obra humana na história. Neste universo de possibilidades, o texto é todo suporte material que porta uma mensagem, sendo o texto acadêmico um tecido urdido intelectualmente, que resulta da trama que cada tecelão realiza distintamente, lançando mão de sinais diversos ou similares.

Antes de tudo é uma obra humana. Os movimentos do processo de escrita inscrevem-se numa dinâmica processual e multidimensional em que uma mesma situação - dependendo da posição, do lugar e do olhar de quem a estava vendo - vai assumindo perspectivas diferentes. Muitas coisas ficam nas sombras, não por não serem importantes, apenas porque, muitas vezes, não cabem na lógica e nos sentidos estabelecidos por que escreve.

Talvez, o senhor concordasse que podemos dizer que há similaridade entre escrita e viagem, considerando que ambas almejam a surpresa, ou seja, viver a experiência e ver o desconhecido do imaginário e de locais, respectivamente. O que já foi escrito auxilia a que outros escritos sejam encorajados e façam parte da construção histórica desse tempo.

¹ MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 2001.

Destarte, escrever é captar vestígios da existência, recolher os indícios das realidades propondo ligações; decifrar os testemunhos possíveis desses rastros, desses sinais que o homem imprime em sua trajetória, buscar apropriar-se dessas manifestações de vivências para experimentá-las, apreendê-las.

Como escrever? Bem (peço a licença poética de inferir no que o senhor pensou e escreveu), se caminhar se faz caminhando, tombando, erguendo-se e caminhando ou ainda no dizer de outros: “O caminhante constrói seu caminho ao caminhar”. Escrever é mais ou menos assim: escrevendo, lendo e reescrevendo. Como disse o professor Mário: “*a questão é começar*”.

A dificuldade que temos em escrever é resultado em certo aspecto do *adestramento*, do processo de disciplinarização (que sofremos ao longo de nossa vida escolar) que concerne na obediência tácita a certos rituais – escrever bonito e de forma correta. Queria muito *descobrir* o exato instante em que esse ritual se consolida, acredito que o senhor também. Quando será que deixamos de olhar o universo das letras com a inocência e inspiração infantil? Quando será que adentramos no pântano do medo de se expor? Da falta de confiança que somos capazes de escrever, que temos o que dizer?

Para escrever é preciso paixão, que pulsa, que inebria. Se estiver apaixonado pelo tema escrever sobre ele se torna muito, muito menos torturante. Não que a paixão não teça suas tramas e teias de tortura, mas a força motivadora de que dela emana faz com que superemos e voltemos a desejar este sentimento.

Embora escrever seja um ato solitário, ele o é também, um ato solidário, por detrás de nós e de nossa escrita existe um leitor a nos espionar, querendo desvendar a nossa escritura, penetrar em nosso mundo, embevecido de conceitos e preconceitos.

Portanto, escrever se faz escrevendo, emprestando alma ao texto. Essa escrita com sentido/significado, para além da escrita-resultado não é apenas intelectual e acadêmica, é também a configuração de um diálogo intenso do eu com o eu, com os outros, com a dúvida, com as certezas, com o que sei, com o que sou, com o muito que tenho que caminhar, enfim com a vida.

Em suma, escrever é um exercício contínuo entre escrever-reescrever-escrever. Felizmente ou infelizmente, e o senhor certamente concordaria comigo, não existem

receitas, o ato contínuo de escrever é que revela o estilo e o escritor, quanto mais escrevemos mais nos tornamos capazes de nos reconhecermos em nossos escritos, de sermos sujeitos da nossa própria história. Escrever.... Eis a força de (re)criar o vivido!

Apontamentos de uma madrugada de novembro de 2010.

Taís Schmitz